



Sem Bruno sem Dom, perdemos parte de nossa Paisagem

Se “nós somos a paisagem”, como afirma a *Convenção Europeia da Paisagem* (2000), documento de referência para compreendê-la como patrimônio, sem **Bruno Pereira** e sem **Dom Phillips**, hoje o Brasil está menor, encolhido pelo descaso oficial do governo brasileiro.

Como desdobramento deste Convênio, a *Carta da Paisagem das Américas*, publicada pela IFLA Américas em 2018, traz entre seus princípios a preocupação com a proteção da natureza como patrimônio coletivo, entendendo inclusive que a Amazônia, maior bosque úmido tropical do planeta, estende-se por nove países americanos, e que, portanto, exige cuidadosa gestão, conectada às ações de preservação e manejo com os nossos vizinhos.

Estes eram cuidados que perseguiram os dois defensores dessas terras, um indigenista e outro jornalista, um brasileiro e outro estrangeiro, empenhados em proteger a Amazônia e os povos dessa floresta. Em suas lutas, traziam na bagagem a denúncia de prováveis novas descobertas de destruição no Vale do Javari, significativa paisagem do coração da Amazônia brasileira.

Mais que isso, nas anotações que se transformariam em livro – projeto que desenvolvia o jornalista britânico –, é provável que outras denúncias se somassem ao seu repertório, comprovando que o Vale do Javari não é um caso isolado. Na verdade, parece fazer parte de um planejamento invertido, como um “desplanejamento” do Governo Federal de transformar as florestas brasileiras em celeiros do agronegócio, da extração do ouro e da madeira, sustentando os ideais de uma minoria da população, preocupada com a exploração capitalista do território.

Não sabem eles sobre a importância dos “rios voadores” como nos ensina o cientista Antônio Donato Nobre? As chuvas que abastecem o produtivo quadrilátero sul-americano que inclui o Centro-Oeste, o Sudeste e o Sul brasileiros, vêm principalmente dos vapores atmosféricos de água que emanam das florestas da Amazônia, caminhando diariamente como rios voadores. Será que não compreendem que sem as florestas o Brasil não conseguirá manter o seu clima, sua biodiversidade, suas belezas, sua exuberante paisagem e inclusive, a sua produção agrícola? Não compreendem que a proteção secular da Amazônia vem se dando pelo cuidado dos povos indígenas, os povos da floresta?

A falta de instrução generalizada, própria de um governo que repudia o conhecimento, desconhece a sabedoria e resiliência que trazem os povos originários em suas vivências. Foi o que nos revelou Claude Lévi-Strauss na década de 1930, em seu *Tristes Trópicos* e mais recentemente nos instruem Davi Kopenawa e Ailton Krenak, ao nos presentear com os livros “*A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*” (Kopenawa & Albert, 2015)” e “*Ideias para adiar o fim do mundo*” (Krenak, 2010).

Já o livro de Dom Phillip não foi concluído. Não foi concluído, ainda. Espera-se que possa ser retomado em parceria com outros pesquisadores e seja mais uma ferramenta de educação que alimente os instrumentos legais de proteção do meio ambiente e das comunidades indígenas, porque a Amazônia como patrimônio, é um bem de direito de todos nós.

A **Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP** se solidariza com os familiares de Bruno e de Dom e com as comunidades indígenas que os acolheram e hoje perderam um pouco da voz que expandia suas lutas e esperanças. Nos unimos também aos que rechaçam as ações de destruição de nossa paisagem, patrimônio e identidade brasileira expressos na força que emana da Amazônia.

Terras do Brasil, 19 de junho de 2022
Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas
Gestão 2020-2022